

EXU E A SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO 1982: RESENHA DO LIVRO 82: UMA COPA PARA SEMPRE

Gabriel Orenge Sandoval 

Rodrigo Baldi Gonçalves 

Alcides José Scaglia 

RESUMO: Resenha elaborada através do livro 82: Uma Copa para sempre dos autores Celso Unzelte e Gustavo Longhi de Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Seleção Brasileira. Copa do Mundo.

EXU AND THE 82's BRAZILIAN TEAM: REVIEW OF THE BOOK 82: UMA COPA PARA SEMPRE

ABSTRACT: Review of the book 82: Uma Copa para sempre by Celso Unzelte and Gustavo Longhi de Carvalho.

KEYWORDS: Soccer. Brazilian team. World Cup.

EXU Y LA SELECCIÓN BRASILEÑA DE 82: RESEÑA DEL LIBRO 82: UMA PARA SEMPRE

RESUMEN: Reseña del libro 82: Uma Copa para sempre de los autores Celso Unzelte y Gustavo Longhi de Carvalho

PALABRAS CLAVE: Fútbol. Selección brasileña. Copa del Mundo.

Introdução

“Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje”. Para Luiz Antônio Simas, a função do historiador está diretamente atrelada a essa ação de Exu. Sabendo que tal orixá está associado a uma temporalidade espiralada, ou seja, que não se pauta na ideia de passado, presente e futuro, mas em uma repetição, um eterno retorno dos acontecimentos, o historiador, da mesma maneira, segundo ele, é aquele que mata o pássaro de ontem (os acontecimentos da história) com a pedra de hoje (os materiais e conceitos, portanto, a compreensão que estão disponíveis hoje). A obra 82: uma copa para sempre, escrita por Celso Unzelte e Gustavo Longhi de Carvalho, ambos jornalistas e pesquisadores do esporte, e publicada pela Letras do Brasil, em 2022, tem o poder de

nos propiciar olhar com os olhos de hoje as questões que eram marcantes na Copa do Mundo de futebol masculino de 1982 na Espanha, lembrada pela derrota do Brasil para a Itália, algo improvável diante da beleza e eficácia que a Seleção tinha ostentado durante a competição. Assim, em 375 páginas e separados em 12 capítulos, além de apresentações e apêndices, os autores têm como intuito apresentar, com a maior quantidade possível, os detalhes que circundaram o contexto desta icônica Copa do Mundo.

As três primeiras partes são introdutórias. No início, Paulo Roberto Falcão, volante titular na campanha, faz uma pequena reflexão sobre o legado que deixa tal Seleção: a beleza, algo que, segundo ele, tem o poder de mudar o mundo. Após isso, os autores contextualizam a relação deles com a Copa do Mundo. Celso Unzelte diz que na Copa tinha 14 anos, reassistiu o jogo derradeiro até hoje com seus filhos e tinha o desejo, com este livro, de fazer algo similar ao que Paulo Perdigão fez com *A anatomia de uma derrota de 1950*¹. Gustavo Longhi de Carvalho, também inspirado pelo livro de Paulo Perdigão, conta que ia completar 5 anos durante a Copa de 82 e que em 2020 bateram o martelo para a publicação do livro. Algo inequívoco entre os dois: ambos, ao reassistirem o jogo, não somente tem uma ponta de esperança pelo empate, mas torcem, como se fosse possível, para que ele aconteça.

No que tange o início propriamente dito do livro, o capítulo primeiro apresenta brevemente a situação classificatória do Brasil antes do jogo contra a Itália. Um empate consagraria a tão sonhada e não acontecida classificação para a semifinal. Em tom metafórico, o capítulo conta os acontecimentos do jogo entre a alegria que o empate em 2x2 suscitou até a tragédia que foi o 3x2, representando nada mais do que a esperança que a seleção ofertou a todos aqueles que acompanharam esta edição da Copa e seu abrupto aniquilamento. Esse parco período serviu, além

¹ *A anatomia de uma derrota* é um livro escrito por Paulo Perdigão a fim de contar os pormenores da derrota brasileira no Maracanã para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950.

disso, para apresentar os protagonistas e realçar algumas sensações que aquele torneio propiciou.

Após isso, o livro investe em uma contextualização anterior ao conteúdo da Copa que é retratada. No capítulo 2, conta-se uma breve história das Copas: como ela surgiu, quais as dificuldades e as estratégias da FIFA para sua consolidação, o contexto das épocas que eram empecilhos para sua legitimação (como a Segunda Guerra Mundial), os países sedes, os vencedores e as politicagens que culminaram, em 1982, na Espanha, a Copa do Mundo.

Mantendo o deslocamento do protagonismo do Brasil e direcionando-o para as Copas do Mundo, no capítulo 3 as eliminatórias são contadas, ressaltando as mudanças dessa edição de Copa (de 16 para 24 países, ocasionando em uma segunda fase pautada em um triangular, classificando a seleção mais bem colocada à semifinal), especificando continente por continente as campanhas dos países desde as que surpreenderam até as que decepcionaram.

Definidas as seleções, o ano de 1982 se torna tema central para situar o/a leitor/a do que ocorria no ano em que tal Copa aconteceu. Cinema, música, esporte, política, guerra, eleições, televisão, mortes, carnaval e novidades que surgiram nesse ano são retratados no quarto capítulo. No capítulo seguinte, em comunhão, músicas, jogos de tabuleiro, programas de tv: tudo o que era vivido no Brasil tinha alguma relação com a Copa de 82. Desde as diversão canções compostas para essa seleção, os jogos temáticos, as figurinhas, até os programas de tv e rádio passaram a girar em torno do que estava por vir (até novela da Globo teve participação de Zico e Sócrates). Somado a isso, é explanado as equipes de tv e rádio que foram para a Espanha cobrir aquele time e o processo de convocação – na modesta opinião dos autores, muito brevemente – da Seleção: ao passo que foi se acabando o campeonato brasileiro, Telê chamava os jogadores já eliminados. Os amistosos, a preparação física, as premiações e a lesão de Careca são retratadas na parte final.

Chegando à Copa do Mundo, ressalta-se, no sexto capítulo, o clima – sempre quente – da Espanha naquela época do ano, o mascote da competição e o sorteio para a definição dos grupos: Brasil no último grupo, com União Soviética, Escócia e Nova Zelândia. Foi comentado todos os estádios que tiveram jogos da Copa, o nome e constituição da bola, a arrecadação com os ingressos e o investimento espanhol para a realização do torneio.

Depois disso, uma volta no tempo é realizada. No capítulo 7, o mais longo em relação aos anteriores, há o retrato da história antecedente da Seleção Brasileira à Copa de 82. As histórias e os resultados de amistosos, competições e eliminatórias que o Brasil disputou são contadas intercalando com as estreias dos jogadores que participaram da Copa. Somado a isso, é ressaltado a passagem da CBD para CBF, processo que formou as confederações próprias para cada esporte. Essa mudança culminou na contratação de Telê como treinador em 1980. A escolha do treinador se pautou por uma pesquisa realizada pelo jornal O Estado de São Paulo, mostrando que Telê era o nome preferido para os brasileiros. Para ser aceito, entretanto, o treinador fez algumas exigências, dentre elas destaca-se: não ter interferência dos cartolas e ter dedicação total a Seleção (Ribeiro, 2011).

Algumas questões circundaram a formação da Seleção de Telê, ao passo que herdava um time com bom desempenho: além da ausência de Falcão, as posições de goleiro, lateral direito e centroavante foram dúvidas presentes em suas escalações. Assim, no livro são contados os jogos comandados pelo treinador com realce às opções que ele fez nessas posições. Figuras como Zico, Júnior, Oscar, Luizinho, Cerezo, Paulo Isidoro, Sócrates e Éder foram presentes durante todo o ciclo. Com os goleiros, não houve unanimidade em momento nenhum. Raul, Carlos e João Leite foram testados antes de se decidir por Waldir Peres como titular. Na lateral direita, Nelinho e Getúlio jogaram, mas Leandro e Edevaldo foram para a Copa. No que tange centroavantes, Serginho, Nunes, Sócrates, Roberto, Reinaldo, Careca e César jogaram nessa

função: no fim, Careca era a esperança de Telê, mas, por se lesionar, Serginho assumiu a posição e Roberto Dinamite foi convocado. Todavia, outras alterações foram realizadas. Na Copa do Mundo, Falcão entrou no lugar de Paulo Isidoro. O volante, por estar jogando na Itália, não podia ser chamado para amistosos e eliminatórias, tendo um tempo menor de jogo com os outros jogadores.

Assim, os quatro componentes do “Quadrado Mágico” jogaram muito pouco tempo juntos. Em 2020, em entrevista ao jornalista Pedro Henrique Torre, dos canais ESPN, Zico declarou:

“Eu, o Falcão, o Sócrates e o Cerezo juntos, só na Copa do Mundo. A gente nunca tinha jogado junto com o Telê. Foram três anos de treinamento [com] a gente jogando de uma forma. Quando chegou a Copa do Mundo ele criou aquela situação ali e aquilo ali a meu ver prejudicou o lado direito. Prejudicou o Leandro, que era acostumado a ter um Paulo Isidoro, um Tita voltando. E ali não tinha ninguém que ajudava por aquele lado. A gente caía esporadicamente, mas não era a função de ninguém” (Unzelte; Carvalho, 2022, p.100).

O princípio exusíaco que compõe a ação de todo historiador está presente, também, na maneira de enxergar a seleção de 82. Se na época houve desconfiança com a falta de ponta, havia também uma satisfação com o desempenho da seleção, o que não se imaginava, porém, era o quão mal resolvida ela, na mesma medida, era. Assim, quando um dos melhores jogadores da equipe afirma que não havia tido treinamento suficiente para o conhecimento de todos os jogadores acerca da movimentação que aconteceria, é possível, empunhando a pedra composta por este argumento, matar o (considerado, até então, irretocável) pássaro de ontem – que apesar de demonstrar tamanha beleza, não permitia perceber suas questões ainda mal resolvidas.

Além disso, esta fala evoca outra questão que se mostrou importante na constituição da equipe titular: a utilização ou não de um ponta direita. No livro, Fio de Esperança – Biografia de Telê Santana, o treinador logo quando assumiu o comando técnico, discursa sobre essa questão: “a ponta direita é realmente a posição mais carente, não há

jogadores se destacando” (Ribeiro, 2011, n.p). Em decorrência disso, depois de testar diversos jogadores em tal posição na preparação, de Tita anunciar que não gostaria de atuar naquela região e de Falcão ser convocado para a Copa, Telê passa a não utilizar nenhum jogador naquele local do campo.

A ideia de Telê era que aquela região fosse preenchida por diversos jogadores, dependendo do momento, como o lateral Leandro ou os meio-campistas que caíssem por ali, como Sócrates e Zico. Mas isso causou certa polêmica. Telê Santana, antes de pensar no esquema tático ou na questão da ponta direita, definiu a Seleção por convicção, confiando na qualidade de seus jogadores, em especial do quarteto mágico do meio-campo (que, segundo ele, tinha que ter na equipe), e de seus laterais, Leandro e Júnior. Telê montou seu esquema com a prioridade de dar lugar aos jogadores técnicos e ofensivos, confiando que, com sua entrega e seu entrosamento, a questão da ponta direita e outras eventuais vulnerabilidades defensivas fossem sanadas (Unzelte; Carvalho, 2022).

Tal opção de Telê sugere seu respeito à imprevisibilidade, o que podemos pensar como o caráter exusíaco do jogo. Somado ao fato de existir em uma temporalidade espiralada, Exu é o orixá do movimento. Se existe movimento no mundo, é em função deste orixá prover aos humanos essa capacidade (Sodré, 2017; 2019). Mas não era somente movimento que gostaria Telê, havia também inconstância e imprevisibilidade, uma vez que não havia jogador certo para cair naquele setor, mas o mais adequado ao momento do jogo. Assemelha-se à residência de Exu. Este orixá é caracterizado por ser aquele que comanda a encruzilhada². Tal local representa, metaforicamente, as múltiplas possibilidades que se tem na vida e a necessidade de decidir por qual caminho se deseja ir (Rufino, 2019). É a sobreposição de diversos

² Nas religiões de matriz afro-brasileira, as encruzilhadas são os locais em que as oferendas são postas para que o orixá que se destina realize o pedido. Para que aquilo que é ofertado seja endereçado corretamente, Exu, regente de tal lugar, confere se tudo foi realizado corretamente para, posteriormente, enviar o ofertado ao orixá correspondente (Rufino, 2019).

caminhos que escancara as múltiplas possibilidades possíveis. Telê ansiava uma Seleção jogando o jogo-encruzilhada. Não queria um caminho único a seguir, mas, com tamanha qualidade que havia, gostaria que os jogadores decidissem em cada momento os melhores movimentos a serem feitos para potencializar aquele time. Na encruzilhada-jogo sonhava com, em sua imprevisibilidade, encontrar Sócrates no lado direito, depois Zico e no lance seguinte, Falcão. Tudo isso não por prazer à anarquia, mas, confiando na qualidade dos jogadores, delegava a eles a capacidade de tomar as melhores decisões em resposta a imanência do jogo.

Gostaria, em outras palavras, que seu time fosse, a partir deste olhar, a materialização da lógica exusíaca. Isso fica mais claro em uma das histórias de tal orixá. Exu utiliza uma toca de duas cores (uma de cada lado), fazendo com que, por mais que as pessoas tenham o visto, não comungassem da mesma imagem e se desentendessem (Prandi, 2001). Este era o Brasil que gostaria Telê: um time que utilizava o gorro que melhor se encaixava no momento para, posteriormente, virar de lado, confundir o marcador com outro jogador dotado de diferentes características no mesmo lugar para impactar a percepção alheia e, assim, vencer o jogo.

De tal forma, não se pode considerar que a Seleção jogava a partir da lógica da tática, ou seja, da gestão intelectual do espaço de jogo. O que guiava aquele time era o próprio jogo. Era em abertura ao ambiente de jogo que o jogador era levado para os lugares específicos do campo. O jogador, em Estado de jogo³, era, pode-se pensar, guiado pelas ações exusíacas do jogo. Havia, de tal forma, pouco à priori como planejamento, mas significativamente a presença em campo como imperativo para o que se realizava.

³ Estado de Jogo é a condição quem, quem joga, encontra-se. No afrouxamento da racionalidade, a pessoa, ao passo que joga, é também jogada pelo jogo. Freire (2002) cunhou o termo Senhor do Jogo para caracterizar essa figura metafórica que joga com o(a) jogador(a). Em nossa perspectiva, pode ser aproximada com o Exu, já que ele é pensado como o orixá do movimento e da imprevisibilidade.

De tal maneira, esta forma de o Brasil jogar, obviamente, não fora compreendida pelos europeus. No livro “Anatomia do Sarriá: Brasil x Itália” do italiano Piero Trellini, o autor descreve o Brasil como um time caracterizado por jogadas instintivas e desprovidas de uma lógica. O autor ainda justifica que “As jogadas devem ser instintivas, porque só a improvisação, se você é um artista, cria o espetáculo. É um jogo em que, às vezes, as habilidades individuais ofuscam as coletivas.” (Trellini, 2022, p. 276). Sugere a ideia, portanto, que o desinteresse brasileiro era o que fundava o anseio por uma questão estética que circundava o jogo. Era como se a satisfação de jogar fosse mais importante do que ganhar. Engana-se o autor italiano: há outras maneiras de se sentir o jogo que não impõem, obrigatoriamente, uma anarquia. Uma delas, por exemplo, é deixar-se afetar e guiar as direções que toma por aquilo que o jogo leva, da forma com que a lógica exusíaca sugere.

Porém, voltando ao livro, no restante deste capítulo, a caracterização da trajetória da Itália até a Copa é, na mesma medida, contada. O leitor é pego de surpresa, uma vez que navega com tanta profundidade na história brasileira que se esquece que a Itália é parte fundamental do livro – já que para entender o Brasil, é inevitável compreender a Itália nesse período.

Posteriormente, no capítulo 8, cada jogo da Copa do Mundo é explicado a partir de uma breve descrição dos principais acontecimentos de cada partida. A campanha brasileira e italiana é contada com maior detalhamento, além do *scout* dos jogos. O Brasil é retratado como o favorito da competição. Apesar disso, inicia a estreia perdendo no primeiro tempo para a União Soviética. No segundo tempo, entretanto, com a volta do time que disputou a maior parte das eliminatórias, vence o jogo. Depois disso, duas goleadas sobre Escócia e Nova Zelândia garantem a classificação para a Seleção. A Itália, por outro lado, não teve campanha fácil, empatou com Polônia, Peru e Camarões, o que gerou uma grande descrença na equipe. Assim, novos grupos foram formados: três equipes disputam uma vaga na semifinal. Brasil, Itália e Argentina.

Argentina perde tanto para Itália quanto para Brasil: em um jogo apertado, Itália vence de 2 a 1, enquanto o Brasil conquista a vitória por 3 a 1 com grande atuação. Esse gol a mais da Seleção permitia o direito de, na partida contra a Itália, para decidir a vaga, jogar pelo empate. Todavia, a história não foi tão simples quanto poderia, a epopeia deste jogo é tamanha que um capítulo dedicado exclusivamente a ela foi dedicado.

A escrita dos autores, em momento nenhum, entrega esperança para aqueles e aquelas que leem – algo completamente pertinente, uma vez que todos sabemos o que aconteceu neste jogo, por mais duro que seja. Seu início se dá com a transcrição de diversos momentos da narração de Luciano do Valle nos 10 minutos finais da partida. O resultado foi de 3 a 2 para a Itália em um jogo que se inicia com gol italiano, recuperação brasileira protagonizada por Sócrates seguida por outro gol italiano, do mesmo autor do primeiro: Paolo Rossi. No segundo tempo, Falcão empata e ilude o povo com a possível classificação, já que a Itália parecia não ter forças para fazer mais um gol. Paolo Rossi, porém, mais uma vez, depois de um escanteio, esfacela o sonho brasileiro. Com o fim do jogo, as repercussões são elucidadas. Desde o que os jornais do Brasil e do mundo relataram sobre o jogo até a opinião de jornalistas, jogadores e do Telê. É possível notar, no cenário brasileiro, a tristeza como o sentimento que ancora a maior parte dos envolvidos, havendo, obviamente, exceções, como João Saldanha que encontrava problemas naquele time desde o início da preparação e apontava elas como as responsáveis pelo revês. No cenário mundial, apesar de o espanto com o resultado, o reconhecimento do desempenho que teve a Itália foi capaz de fazê-los merecedores do resultado, diziam. Após isso, para concluir o capítulo, há uma explicação total do jogo: minuto a minuto é relatado minuciosamente o que aconteceu no jogo, com longo detalhamento sobre os gols que ocorreram e muita dor.

O capítulo 10 continua a contagem dos pormenores dos jogos restante da Copa. Permite a compreensão da afirmação da Itália como

potência na Copa depois do jogo contra o Brasil, de seu bom desempenho contra a Polônia e da classificação histórica da Alemanha para a final: buscou um empate com dois gols na prorrogação e uma vitória nos pênaltis contra a França. Conta detalhes da final, ressaltando a campeã Itália com três gols no segundo tempo e tomando apenas um, escancarando sua eficácia ofensiva e soberania naquele jogo. Somado a isso, relembra o único representante brasileiro na final: Arnaldo Cezar Coelho, o primeiro árbitro brasileiro a apitar uma final de Copa do Mundo. Ainda dá tempo de tratar somente de Paolo Rossi, o vilão da história. No capítulo 11 é contada um pouco da história do atacante italiano e de seu desempenho naquela copa: ele desembestou a fazer gol depois de fazer três no Brasil e foi crucial para a consolidação da equipe italiana e do título que conseguiram conquistar, depois de ficar dois anos proibido de jogar por se envolver com apostas esportivas.

Se anteriormente se falou sobre a situação do Brasil e o que se produziu antes da copa, no capítulo 12, denominado 'ecos de 82', conta-se, agora, o contexto social após a copa. Propagandas, músicas, livros, filmes, programas, documentários que tocaram na delicada derrota. Após isso, retrata-se a visão dos jogadores sobre a derrota anos depois de seu acontecimento. Nada mais exusíaco do que a fala deles: quando comentaram, enxergavam com outros olhos a derrota. Por exemplo, Zico, como já citado, observa com mais nitidez que o time era desequilibrado. Edinho, zagueiro reserva, delega às vaidades dos jogadores o fracasso, uma vez que muito individualismo e preocupação com o dinheiro tiraram o enfoque da vitória. Eder diz que o excesso de autoconfiança pode ter sido fatal naquele jogo. Junior se orgulha de ter sido parte de uma das últimas gerações que jogou o autêntico futebol brasileiro e que, se vencessem, revolucionariam o futebol. Após isso, é relatado um jogo festivo entre Brasil x Itália em 1993 contando com grande parte dos jogadores que jogaram aquele fatídico jogo. Itália até começa ganhando, mas, o resultado mais lógico – e com certo atraso - acontece: 9x1 para o Brasil sobre a seleção italiana. Caminhando ao fim do capítulo, é relatado

como esta Copa do Mundo desperta algumas opiniões de especialistas atuais – dotado das pedras de hoje - sobre essa seleção distinta das que se disse à época. Como herança deste jogo, observa-se uma extrema preocupação com a defesa e uma ilusão de que a ponta direita era o problema daquele time, uma vez que a maioria dos gols aconteceram por aquele lado. Para finalizar, é transcrita uma fala de Guardiola sobre a satisfação de ter comparada suas equipes com aquele time que, segundo ele, conseguiu, ao encantar o mundo, mais do que um título.

Entretanto, assim como a Seleção de 82 não morreu depois da Copa - tanto que 17 anos depois, através de uma pesquisa europeia, este time ficou entre os cinco maiores de toda a história (Ribeiro, 2011), o livro está longe de acabar em seu último parágrafo. A quantidade brutal de informação é um diferencial do livro. Constam informações acerca das eliminatórias para a Copa, convocação das seleções, escalações em todos os jogos, pequena biografia de todos os jogadores de Brasil e Itália, além da ficha técnica e dos resultados de todos os jogos da Copa em questão.

A partir e toda a apresentação deste livro, podemos compreender para o que ele se propõe: um compilado de lembranças, uma revisão de obras anteriores e um levantamento de dados sobre esta importante Copa. Passa a ser uma leitura obrigatória para aquele ou aquela que deseja saber o que foi não somente a Seleção Brasileira, mas toda esta Copa do Mundo. Somado a isso, saber o que aconteceu no jogo contra Itália, percebendo quais pedras foram escolhidas para matar este pássaro que, morto há mais de 40 anos, é fundamental, dada sua relevância e influência, para compreender o futebol brasileiro contemporâneo: esse que é marcado por um distanciamento perene da forma de jogar associada ao orixá da temporalidade espiralada e do movimento ludibriante.

REFERÊNCIAS

FREIRE, João Batista. *Jogo: entre o riso e o choro*. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, André. *Fio de Esperança - Biografia de Telê Santana*. São Paulo: Cia dos Livros, 2011.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 2019.

TRELLINI, Piero. *Anatomia do Sarriá - Brasil x Itália, 1982*. Campinas: editora Grande Área, 2022. 512 p.

UNZELTE, Celso; CARVALHO, Gustavo Longhi de. *82: uma copa para sempre*. São Paulo: Letras do Brasil Editora, 2022. 375 p.

Gabriel Orenge Sandoval: Doutorando em Educação Física e Sociedade na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP) e membro do LEPE (Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte) e do CEPECE (Centro de Pesquisa em Ciências do Esporte). Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: g216386@dac.unicamp.br.

Rodrigo Baldi Gonçalves: Doutorando em Biodinâmica do Movimento na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP) e membro do LABIN (Laboratório de Biomecânica e Instrumentação) e do CEPECE (Centro de Pesquisa em Ciências do Esporte). Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: r205486@dac.unicamp.br.

Alcides José Scaglia: Professor do curso de Ciências do Esporte na Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA-UNICAMP) e membro do LEPE (Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte) e do CEPECE (Centro de Pesquisa em Ciências do Esporte). Limeira, São Paulo, Brasil. E-mail: scaglia@unicamp.br.